

Jornal das Famílias. Tomo 7, fevereiro de 1869, p. 49-54.
"Ada"

Ha nomes que são a um tempo uma especie de talisman para aquelles que os usão e como uma doce consonancia para aquelles que os pronuncião.

N'este caso está o sympathico nome da filha de Lord Byron.

Quem repetirá o nome de Ada sem que lhe acuda de subito á imaginação a imagem candida de uma menina

ou de uma moça, adornada de todos os dotes que caracterisão os entes privilegiados do sexo mimoso da creaçao?

Ada é um nome que exfala perfume, como o seio de uma rosa de Alexandria.

É doce, meigo, e quem o recebeu na pia do baptismo não pôde ser senão uma mulher formosa e capaz de inspirar sentimentos tão ternos como o seu proprio nome parece indicar.

Além d'isto este nome foi immortalizado por um dos maiores poetas de nosso tempo.

Quem terá sido sem conservar uma deliciosa reminiscencia d'essas estrophes, palpitantes de inspiração e sentimentos, que trazem o cunho d'essa soberana poesia que collocou o autor de Don Juan no mesmo patamar de Shakespeare?

O poeta deixava, n'essa hora de suprema angustia, transbordar de sua alma toda a saudade e tristeza que o destino vario de sua vida havia accumulado lá dentro.

É n'essas explosões admiraveis de seu coração ulcerado, que melhor se conhece toda a elevação d'aquella alma infelizmente obsecada pelas idéas do scepticismo perigoso introduzido na moderna philosophia.

Mas vamos á historia que o nome que serve de titulo a estas linhas promette ao leitor.

A Ada que merece agora toda a nossa attenção era na verdade uma encantadora creatura.

Teria quando muito quinze annos de idade. Sua estatura era regular e seus lindos olhos pretos suavemente avelludados tinhão uma expressão tão doce de bondade e ternura, que a todos captivava.

Não era d'essa alvura rubicunda, que caracterisa as organizações robustas e vulgares, a sua tez tinha pelo contrario essa transparencia aristocratica, que dá um cunho de poetica melancolia ás mulheres a quem a natureza adornou de mais esse attractivo.

As qualidades de sua alma estavão em relação com as perfeições de seu physico. Era intelligente, bondosa e a fina educação que havia recebido ainda mais fazia realçar o nobre conjunto de todos estes dotes.

Ada vivia em companhia de sua māi, que era viúva, ainda bella, e a todos os respeitos digna de veneração.

A viúva de João Soares, que assim se chamava o pai de Ada, teve a coragem de deixar sua filha ainda um anno mais no collegio depois do falecimento de seu marido, que tivera lugar exactamente douz annos antes de começarmos a nossa narrativa. Privada da companhia de sua filha, viveu em completa reclusão um anno inteiro, até que completando a menina quatorze annos, a mandou chamar para o seu lado.

Há um anno pois que Ada estava em companhia de sua māi, e fallando a verdade quem as visse juntas antes supporia que erão duas irmãs, do que māi e filha, tão gentil era ainda D. Mathilde Soares, que quando muito poderia ter trinta e douz annos de idade.

Saindo do collegio Ada completou em casa de sua māi a esmerada educação que havia recebido. D. Mathilde era uma senhora intelligente e prendada, que tendo sido o modelo das esposas, devia ser também o modelo das māis.

A educação de Ada não era pois d'essas educações frivolas e descuidadas, que geralmente se dá ás moças de nossos salões. Não basta só que a māi de família desempenhe todos os deveres da domesticidade, é preciso que ella tenha tambem a illustração necessaria para encantar o homem a quem o destino a unio, e para que saiba em caminhar a educação moral de seus filhos e possa escolher a carreira que de preferencia devem abraçar, em referencia ás suas vocações e qualidades intellectuaes.

A viúva Soares, bastante rica e relacionada com as principaes famílias da corte, pouco depois que Ada voltou para casa, abriu os seus salões a um pequeno e intimo circulo de suas relações mais predilectas.

Nas noites em que não frequentava os espectaculos ou fazia visitas, era quasi certo encontrar o seu salão illuminado, e passar em tão amavel convivencia algumas horas verdadeiramente agradaveis.

Tão distincta e escolhida era a sociedade dos homens, como a das senhoras, que frequentavão a casa da viúva Soares.

Entre aquellas, porém, notava-se um mancebo que pela distincção de suas maneiras, como pelos dotes de sua intelligencia e talento, era sempre e por todos recebido com a mais franca cordialidade.

Chamava-se elle João da Cunha, e tendo-se formado em direito na academia de S. Paulo, havia estabelecido ha pouco mais de seis mezes o seu escriptorio de advocacia em uma das ruas mais frequentadas da capital.

João da Cunha era pobre e vivia apenas dos recursos de seu trabalho. Novel ainda na carreira que havia encetado, apezar de alguns brillantes triumphos que já havia obtido na tribuna judiciaria, os seus meios não estavão em relação com as exigencias da sociedade em que vivia.

Poucos são os que conhecem as tribulações de uma situação semelhante.

João da Cunha não tinha o frio scepticismo de Voltaire, nem as desvairadas ambições da maior parte dos homens politicos de seu tempo, que não olhão a coherencia em seu modo de proceder quando pretendem alcançar um fim almejado, e não sabia resistir aos ataques violentos da sorte, senão com uma tão nobre resignação, que mais parecia cega confiança na felicidade.

Quanto mais profundo era o golpe que lhe preparavão as circunstancias, maior era tambem a impassibilidade estranha que apresentava para o aparar.

Tinha 28 annos de idade e já estava por assim dizer só no mundo. À morte de seu pai, sendo elle ainda muito criança, sucedeu pouco depois a de sua mãe, e mais alguns parentes que lhe podião servir de amparo tiverão logo em seguida o mesmo destino.

Só restava pois a João da Cunha um tio residente no Maranhão, que, dispondo de uma avultada fortuna, mas sendo demasiadamente forreta, de vez em quando auxiliava exiguamente a seu sobrinho, concorrendo tambem para que terminasse em S. Paulo a sua formatura; mas que todavia lhe não dispensava uma protecção segura e efficaz.

João da Cunha trabalhava pois com afinco e tenacidade para poder suprir com os seus esforços individuaes as grandes lacunas que a fortuna havia deixado em sua existencia.

Apezar d'esta luta quotidiana, João da Cunha vestia-se com todo o esmero e nunca deixou de apresentar-se na sociedade como um verdadeiro cavalleiro.

Tambem em casa da viuva Soares ninguem inquiria qual era n'este sentido a posição do mancebo.

Contentavão-se em apreciar a sua conversação espirituosa e atractiva, sem se importarem se era rico ou pobre o homem que assim sabia tornar-se o encanto e o enlevo d'aquelle sociedade mimosa.

A frequencia das visitas de João da Cunha á casa da viuva Soares produzio um singular e duplo effeito. Inspriou igual sentimento á mãe e á filha.

Uma, a primeira, com os olhos da reflexão reconheceu no mancebo todas as qualidades que o poderião recomendar como um marido digno de fazer a felicidade de sua mulher; amava-o com o coração e com a cabeça; pelo sentimento e pela razão.

Ada, porém, amava-o com esse amor virginal e espontaneo da primeira quadra da juventude.

O olhar, a intelligencia, os modos de João da Cunha exercião sobre a moça uma verdadeira e sympathica fascinação.

Não o amava nem por calculo, nem por vaidade, nem pelo natural instincto que attrahe todas as moças para o casamento; amava-o só pelo amor!

João da Cunha percebeu em pouco tempo os perigos da situação em que se achava.

Sem autorisar por uma manifestação qualquer o signal de sua predilecção, elle encontrou-se realmente em um lance arriscadíssimo.

O seu coração escolhia de preferencia a menina; a sua idade, as suas tendencias, e mais do que tudo as suas aspirações futuras, inclinavão-o para este lado franca e incontestavelmente.

Mas de que maneira daria elle a conhecer este seu sentimento, sem offendere o amor proprio d'aquelle a quem reputava tambem como uma das senhoras mais dignas de fazer a ventura de um homem?

De dia para dia se complicava o embaraço. João da Cunha comprehendia perfeitamente que ambas as senhoras o estimavão; porém elles é que não lhes passava pela cabeça que ambas amavão o mesmo homem!

Breve porém se offereceu occasião de proporcionar um desenlace a tão singular acontecimento.

Ada confessou á sua mãe que amava João da Cunha. Esta vacillou. Nunca tinha attentado para a possibilidade de semelhante affeiçao, ella, intelligente, prudente, uma senhora enfim criada e filha do grande mundo!

Se Ada tivesse reparado conheceria que a esta revelação se havião subitamente coberto de pallidez as faces de sua māi. A pobre senhora encostou-se ás costas de uma cadeira para não cahir! Passou-lhe pelo espirito um relampago e pelo coração uma flecha.

Olhou para a filha, e disse-lhe com uma apparente e meiga tranquilidade:

- E tu sabes se elle te ama?

- Elle não m'o confessou; mas eu creio que o adivinho.

- Nunca; nem uma palavra te fallou a esse respeito?

- Nem uma.

- Bem, minha filha; eu esta noite procurarei ver se posso consolidar a sua felicidade.

- Oh! minha māi! Acredita então que eu serei feliz casando com João da Cunha? Que elle quererá ser meu marido? Que se realisarão todos os meus sonhos?

- Creio, Ada; e é esse o motivo por que não fiz objecção alguma ao que acabas de me revelar.

- Dê-me um beijo, minha māi.

- Toma-o, filha; e recebe n'este beijo a transmissão de minha alma.

Um mez depois d'esta scena João da Cunha estava casado com a filha de D. Mathilde Soares.

A ventura d'este par afortunado seria completa, se um desgosto profundo lhe não fosse ensombrar o horizonte.

D. Mathilde padecia horrivelmente depois do casamento de sua filha. Estava quase desfigurada.

Uma affecção subita do coração punha a cada momento a sua vida em risco. De espaço a espaço davão-lhe desmaios, em que permanecia por alguns momentos como morta.

Com o tempo a doença foi-se agravando. As ultimas esperanças começáron a abandonar a enferma; e com ella a todos quantos rodeavão o seu leito. A morte approximou-se de repente.

A noite desceu portanto sobre aquele ninho de amores, que parecia fadado unicamente para os raios do sol e os perfumes das flores da primavera!

D. Mathilde confessou ao sacerdote que lhe ministrou os últimos sacramentos a origem de sua morte prematura. Era uma paixão que se não podia arrefecer senão no gelo de uma sepultura, se os gelsos da sepultura podem apagar os incendios do coração.

D. Mathilde expirou.

João da Cunha e Ada são hoje o modelo da felicidade conjugal.

Sua māi morrendo de amor foi como a chrysalida que se rompe para dar origem a uma criação esplendida.

Candido

